

JORNAL#6

A OSSO é uma associação cultural sediada na aldeia de São Gregório, Caldas da Rainha, cujo trabalho se foca no apoio à criação, formação, investigação e programação artística.

OSSO

03

Rita Thomaz e Teresa Carepo

ENSAIO 01 -
Residência
Artística

09

Zé Cruz

ENSAIO 02 -
Residência
Artística

19

Hugo Brito

RECEITUÁRIO

20

Holofote

OS LAVA-
DOUROS

13

Caderno dos Labirintos JAN - ABR
Rita Thomaz, Teresa Carepo e Zé Cruz

DAQUI E DO MUNDO

22

Espécies

CANA

EDITORIAL

Esta é a sexta edição do Jornal da OSSO e para este novo ano decidimos realizar algumas alterações relativamente às edições anteriores: o Jornal tem uma nova identidade gráfica, será um pouco mais extenso e será distribuído a cada quatro meses, incluindo informação e olhares sobre as nossas actividades ao longo desses ciclos, mantendo as rubricas que já tínhamos definidas.

No primeiro Ciclo de 2024, entre Janeiro e Abril, tivemos duas grandes residências artísticas: Rita Thomaz com Teresa Carepo, dando continuidade ao projecto de arquivo de cores e fibras naturais provenientes da flora de São Gregório, e Zé Cruz, músico, multi-instrumentista e coleccionador de instrumentos musicais de diferentes geografias e culturas. Apresentamos aqui dois ensaios visuais que documentam e nos aproximam das pesquisas realizadas em cada residência, bem como duas propostas para os mais novos, incluídas no Cadernos dos Labirintos.

Dando continuidade ao projecto de 2023, onde iniciou o espelhamento da flora de São Gregório num arquivo de cores, Rita Thomaz alarga agora a sua pesquisa à identificação das fibras vegetais. A lógica arquivística e reflexiva é agora complementada com a possibilidade de transformação e utilização no seu trabalho de pintura e desenho. O convite à escultora Teresa Carepo surgiu no sentido de alargar os conteúdos deste arquivo ao trabalho criativo de uma artista para quem a materialidade dos objectos é um foco central na evocação da memória enquanto qualificadora de uma poética do espaço.

O músico Zé Cruz conta-nos histórias sobre alguns dos seus instrumentos, lembrando a forma como e onde os adquiriu, como os começou a tocar e como a música que ouviu destas diferentes zonas do globo influenciaram a sua imaginação musical, espelhada nas suas novas composições que estiveram a ser gravadas durante a residência na OSSO.

Para a Escola dos Labirintos tivemos dois momentos, relacionados com as duas residências, um momento de tinturaria e fibras vegetais e um momento de música e organologia. Alice Albergaria Borges, tecedeira, desenhou uma Oficina de Tinturaria Natural e Tecelagem, onde as crianças puderam utilizar fibras tingidas e combiná-las na tecelagem em teares de cartão, experimentando também fiar a lã cardada

com fusos de suspensão. Em seguida, a designer Eneida Lombe Tavares desafiou as crianças a imaginar máscaras com recurso a várias fibras vegetais: ráfia, folhas de palma, folhas de cana, casca de eucalipto, incluindo também a lã tingida, para trazer mais cor às suas invenções. Noutra zona do espectro educativo da OSSO esteve o músico e pedagogo Zé Cruz, que juntou as crianças em torno da sua colecção falando sobre as origens e sonoridades dos vários instrumentos que a compõem. Tocou e contou histórias sobre cada instrumento, explicando as suas semelhanças, diferenças e complementaridades. Realizou também uma improvisação musical em grupo, onde as crianças puderam experimentar diferentes instrumentos.

Para a EIRA, a nossa plataforma rádio, onde apresentamos programas originais, conversas e arquivos sonoros, convidámos a violoncelista e cantora Joana Guerra, que esteve em residência na OSSO a conceber e a gravar um programa original. Também o livreiro Luís Gomes, residente em São Gregório, apresentará um primeiro programa de entrevistas com emigrantes estrangeiros a viver na aldeia. O músico Zé Cruz fará uma conversa acompanhado pelos seus muitos e variados instrumentos. A fechar este primeiro ciclo de 2024, teremos ainda os concertos do Dia Aberto, com Gustavo Costa (solo), o trio MOVE, e Zé Cruz + convidados, em jeito de fecho da sua residência.

No Caderno dos Labirintos propomos um exercício de modelação com pasta de papel e plantas, e apresentamos um glossário ilustrado da vasta colecção de instrumentos musicais de Zé Cruz. Para a rubrica Holofote, Rita Thomaz propôs olharmos para os Lavadouros da Aldeia de São Gregório, lugar mítico da vida comunitária de muitas aldeias portuguesas. No Receituário, o Chef Hugo Brito apresenta o novo projecto para as nossas refeições comunitárias e, como Espécie, escolhemos a Cana, planta que caracteriza com tanta beleza a paisagem da aldeia e à qual chamamos de “invasora”.

SÓCIO OSSO

Ser sócio da OSSO dá desconto nos eventos públicos dos dias abertos e nas oficinas para crianças.

Cota anual: 12€

Contacto: ossocultural@gmail.com

JORNAL OSSO #6 | Edição: Ricardo Jacinto e Rita Thomaz | Design Gráfico: Alexandra Borges | Fotografias: João Quirino | Distribuição online: Gazeta das Caldas | Revisão: Nuno Morão
Impressão: Gracal | Produção: OSSO | APOIOS: Câmara Municipal Caldas da Rainha | **OSSO** Direcção: Nuno Morão, Ricardo Jacinto, Rita Thomaz | Direcção Artística: Ricardo Jacinto
Direcção Gestão: Rita Thomaz | Direcção Técnica: Nuno Morão | Produção: Liliana Ferreira | Produção (oficinas): Maria Graça | Centro de Documentação e Loja: Ivo Santos | Design
Gráfico: Alexandra Borges | Documentação: João Quirino, Joana Rodrigues e Inês Gomes | Assistência técnica: Lucas Keating | Orientadores (oficinas): Lucas Resende, Rita Oliveira |
Monitores: Laura Santos | **APOIOS** Município Caldas da Rainha | Gazeta das Caldas | União das Freguesias das Caldas da Rainha - Nossa Sª do Pópulo, Coto e São Gregório | Antena 2

OSSO

OSSO é uma estrutura financiada por:

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURAdgARTES DIRECÇÃO-GERAL
DAS ARTES

Rita Thomaz e Teresa Carepo

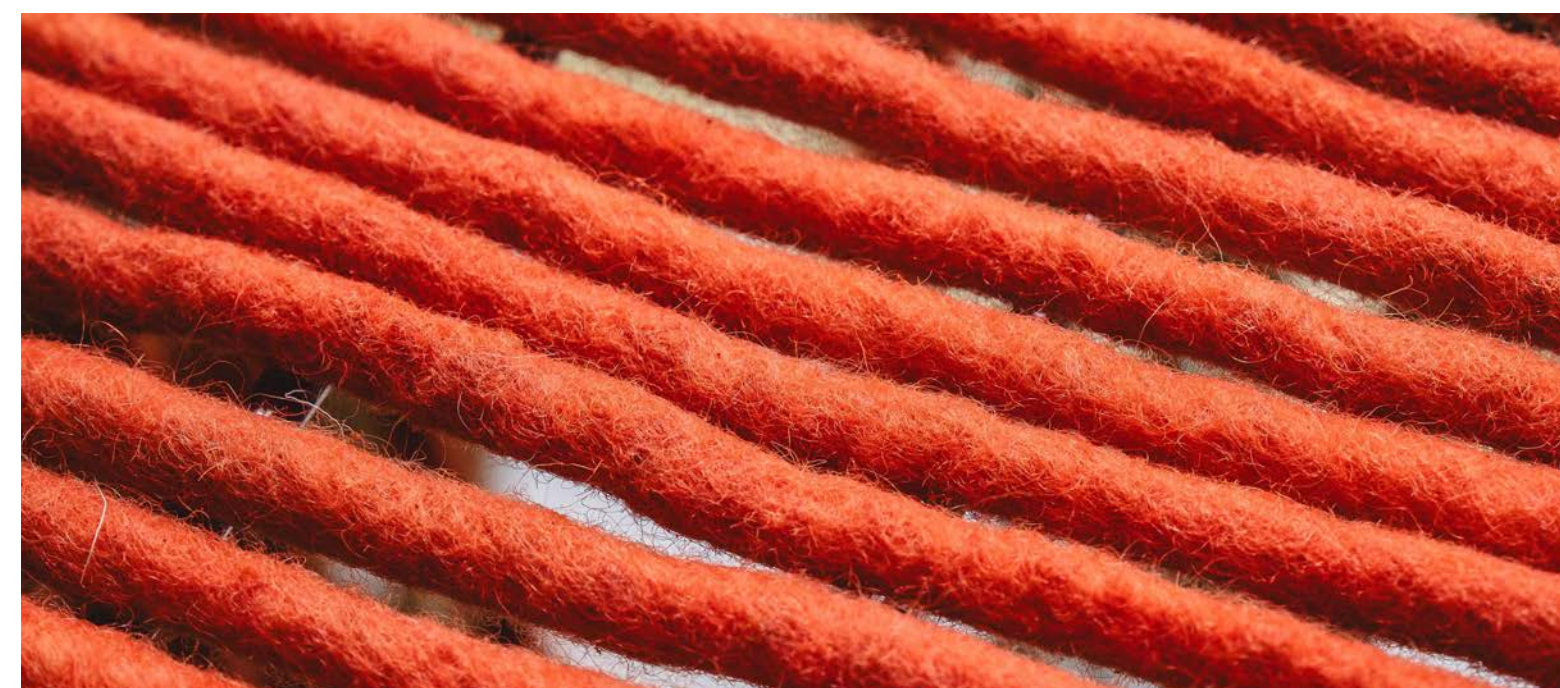
Fibras naturais

Esta residência partiu do desejo de criar um arquivo de cores e fibras vegetais provenientes da flora da Aldeia de São Gregório, incorporando no processo criativo essa matéria-prima e os processos e tempo associados a essa recolha. O arquivo e a transformação de fibras vegetais e plantas tintureiras serão, simultaneamente, matéria-prima e desenho.

O desafio feito a Teresa Carepo, veio no sentido de pensar o seu trabalho de escultura, partindo das premissas deste processo de investigação, criando objectos com cerâmica e fibras vegetais.

Rita Thomaz vive e trabalha entre Lisboa e São Gregório. A sua prática artística centra-se no desenho, focando, atualmente, a relação entre a sua materialidade e a paisagem.

Teresa Carepo vive e trabalha em Lisboa. "O seu trabalho, pelos suportes e materiais a que recorre, inscreve-se inequivocamente no campo da escultura, por vezes parecendo desafiar as suas condicionantes intrínsecas, como se pudesse superar o peso dos materiais, tornando-os leves e impalpáveis."







Zé Cruz

Música e organologia

Zé Cruz é músico multi-instrumentista, compositor e também colecionador de instrumentos musicais. Para além de os coleccionar, interessa-lhe compreender o seu funcionamento, contextualizar o seu surgimento, desenvolvimento e potenciais mutações; acima de tudo, de os estudar. Na sua residência na OSSO propõe gravar o seu primeiro disco em nome próprio, de modo a dar vida e voz a todos estes instrumentos que há muito pedem para ser gravados, cruzando sonoridades, texturas e culturas improváveis.

A partir da sua vasta colecção, que trouxe para a OSSO e que inclui mais de 100 exemplares de várias regiões do mundo (Marrocos, Mali, Burkina Faso, China, Irão, Brasil, Cuba, Índia, Sérvia ou Ilha da Reunião), fez duas oficinas para crianças “viajando” pelos quatro cantos do mundo, acompanhadas pelo som de múltiplos instrumentos tradicionais. Abriu assim espaço para uma actividade didáctica, onde a proposta foi aprender um pouco mais sobre organologia (o estudo dos instrumentos musicais), explorando as origens, famílias e sonoridades dos vários instrumentos, explicando porque é que a guitarra é um cordofone ou porque é que o triângulo é um idiofone.





Guembri e Qraqebs

Desde há muito que tenho uma paixão enorme pela música gnawa, o blues do deserto e toda a música do norte de África no geral, e quando fui pela primeira vez a Marrocos, em busca da música e linguagem tradicional, foi lá que me cruzei com o guembri e os qraqebs.



Santoor

O Santoor persa é um instrumento de cordas que faz parte da família dos saltérios. Existem dezenas de saltérios tradicionais de diferentes sítios do mundo, mas só dois tipos de santoor, o indiano e o persa. Em 2012 encomendei o meu santoor persa a um *luthier* turco que o construiu de raiz para mim.



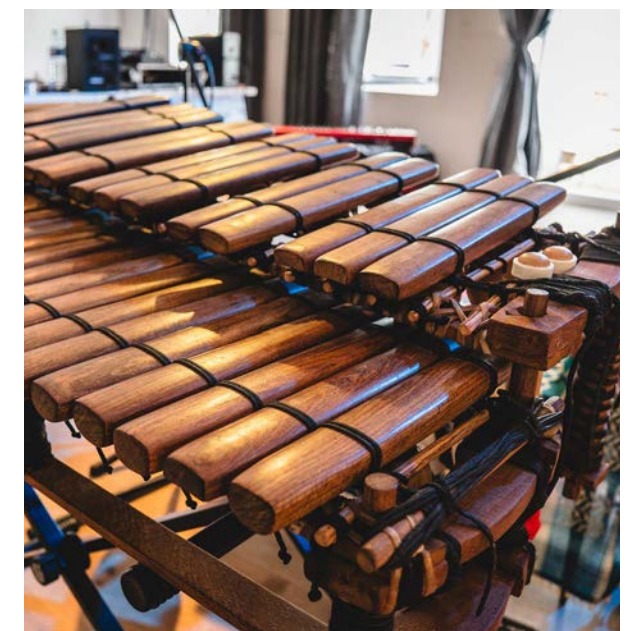
Ocarina

A ocarina é um instrumento de sopro feito de barro, com origem na América do Sul, mais precisamente na zona dos Andes/Perú. Estas três ocarinas são muito especiais para mim porque foram construídas por um dos meus melhores amigos.



Balafon

O balafon é um instrumento de percussão africano que junta ritmo, harmonia e melodia. É o pai da marimba e de todos os familiares do xilofone. Este balafon foi construído no Burkina Faso.



Quissanje, Monotribe e Teclado

O quissanje faz parte da família dos lamelofones. Tem um corpo de madeira e lamelas de metal afinadas em certas notas, que vibram e são amplificadas pela madeira. Os dois quissanjes que tenho consegui-os num leilão e pertenceram ao Duo Ouro Negro.

Embora o sistema de classificação de instrumentos mais amplamente utilizado no Ocidente seja o sistema Hornbostel-Sachs, inventado em 1914 (que inclui os cordofones, aerofones, membranofones e idiofones), mais tarde apareceram os electrofones, que são todos os instrumentos que necessitem de electricidade para funcionar. Destes instrumentos que trouxe, dois deles são electrofones, o Monotribe e o teclado.





Hulusi e Bawu

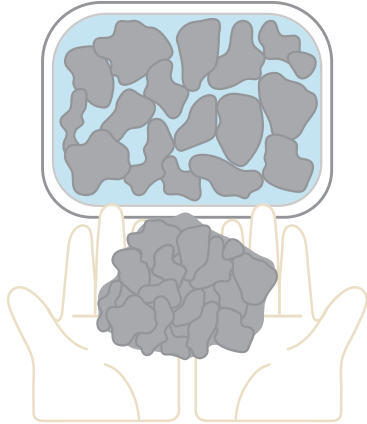
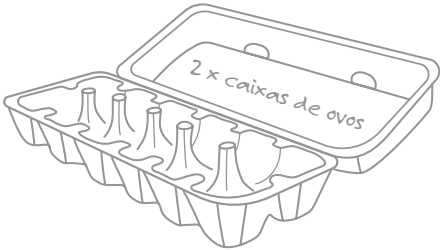
O hu lu si é um instrumento de sopro tradicional da China que tem a particularidade de poder ter três notas a soar em simultâneo. Tem três palhetas que vibram dentro da cabaça. O bawu é semelhante mas só tem uma palheta. Em 2019 fui à China dar um concerto com um dos meus projectos “Khayalan”, e trouxe um hu lu si e três bawus.

DAQUI E DO MUNDO

Rita Thomaz, Teresa Carepo e Zé Cruz

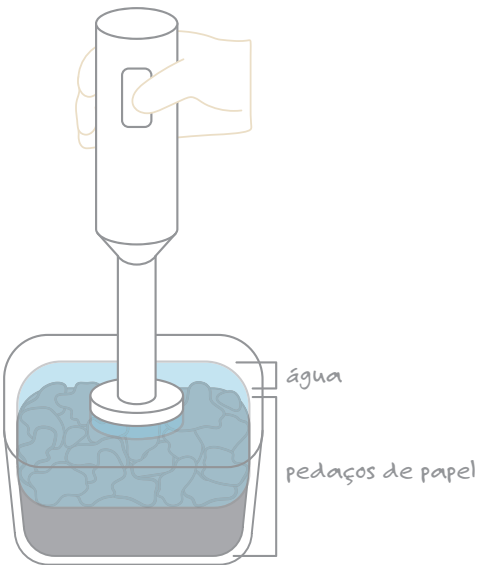
COMO FAZER
PASTA DE PAPEL

- Materiais necessários:**
- . Caixas de ovos
 - . Cola branca escolar
 - . Água
 - . Recipientes para misturar
 - . Varinha mágica
 - . Folhas de árvores
 - . Pincel
 - . Tinta acrílica ou guache

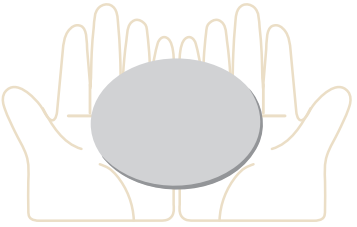
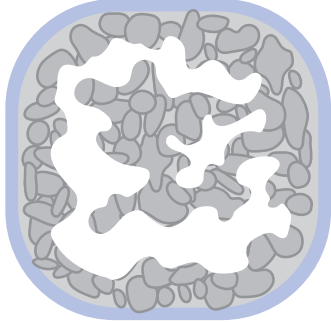
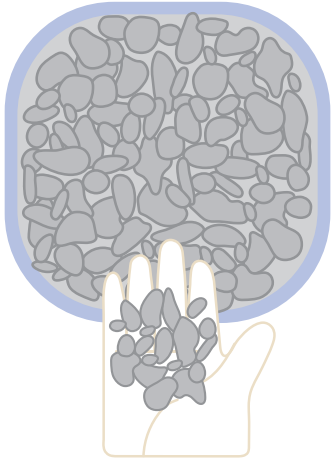
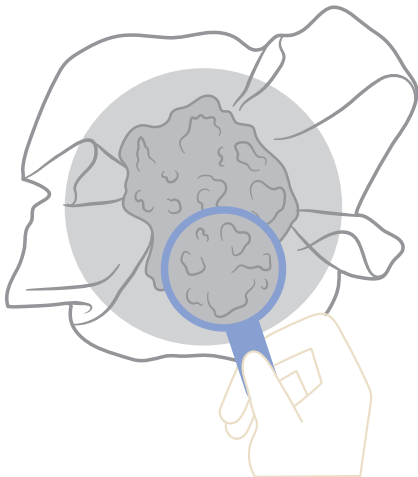


01. Preparação da mistura de papier-mâché:
Rasga o cartão em pequenos pedaços e coloca-os numa taça. Adiciona água morna suficiente para cobrir o papel e deixa de molho por cerca de 10 minutos.

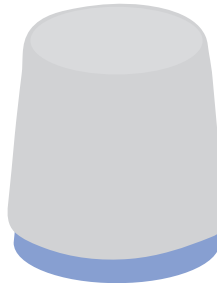
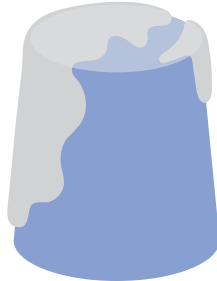
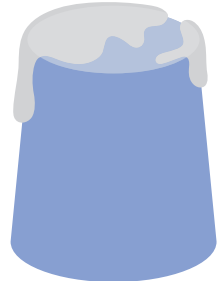
02. Triturar o papel:
Depois de o papel estar bem embebido, amassa bem até desfazeres o papel o melhor que conseguires. Chama um adulto e pede ajuda para desfazer o papel com uma varinha mágica.



03. Retirar excesso de água:
Com a ajuda do pano velho, vais retirar o excesso de água da pasta. Coloca a mistura dentro do pano e expreme até ficares com a pasta seca. Guarda essa pasta numa taça e continua.



04. Fazer a pasta:
Adiciona cola branca à mistura de papel, misturando bem até que fique com uma consistência uniforme. Podes adicionar um pouco mais de cola se a mistura estiver muito líquida.



05. Moldagem da estrutura:
Começa a construir o teu objecto. Podes usar um molde feito de cartão e vais colocando pedaços da pasta à volta.

06. Aplicação da mistura de papier-mâché:
Aplica os pedaços de papel na superfície do teu molde, alisando-os com os dedos para evitar bolhas de ar.



07. Adição das folhas de árvores:
Utiliza plantas e outros materiais vegetais para dar estrutura ou decorar o teu objecto.

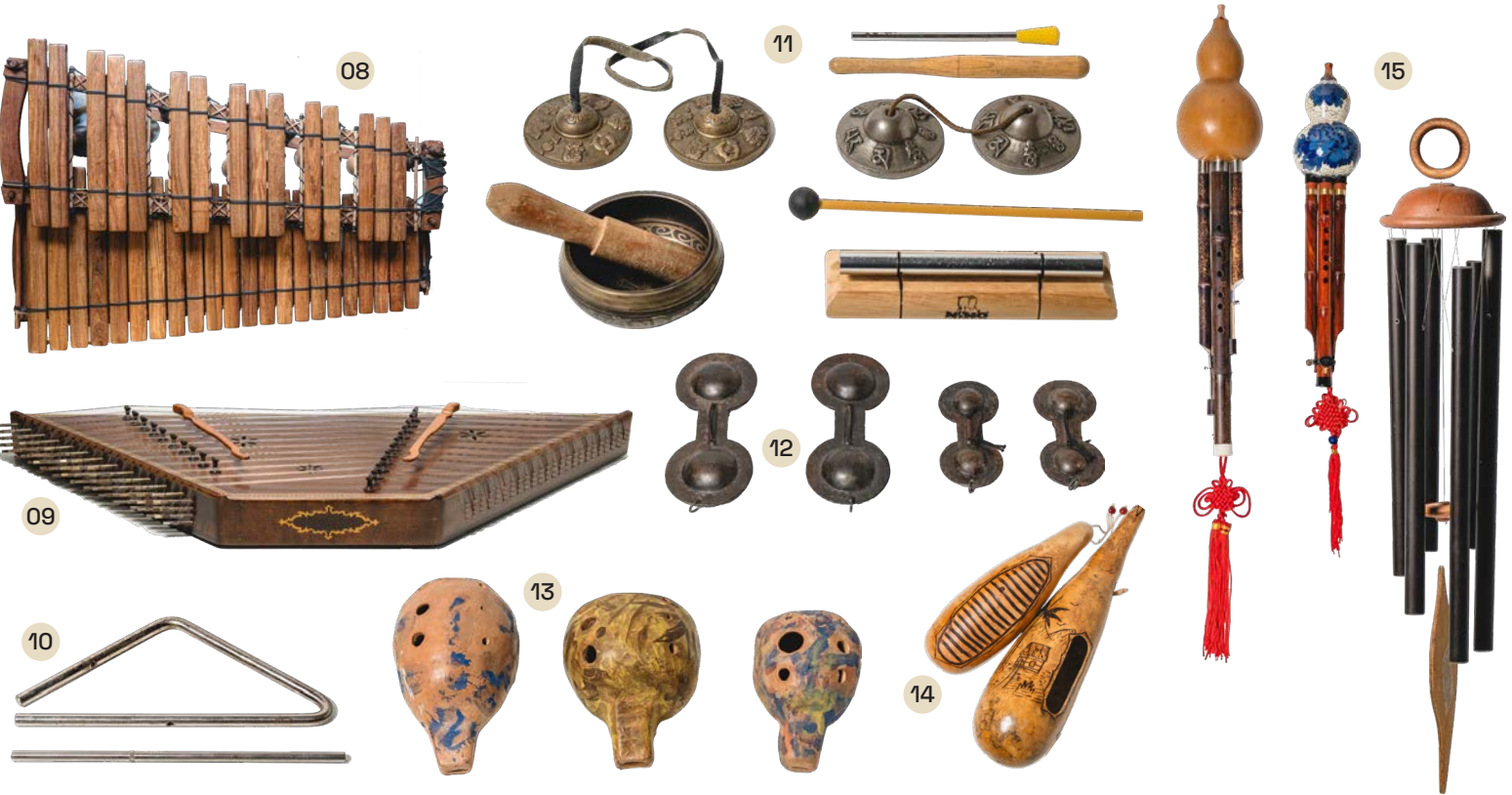
08. Secagem:
Deixa a estrutura secar completamente. Isso pode levar algumas horas ou até mesmo um dia inteiro, dependendo do tamanho e da humidade do ambiente.

09. Finalização:
Uma vez que a estrutura esteja completamente seca, podes pintá-la com tinta acrílica ou guache, se quiseses.

UMA ORQUESTRA DO MUNDO



01. Dan Moi (Vietname) - Aerofone
02. Kayamba (Ilha da Reunião) - Idiofone
03. Cowbell (África) - Idiofone
Agogo (Brasil) - Idiofone
04. Guitarra clássica (Espanha) - Cordofone
Ngoni Djeli (Mali) - Cordofone
Guitarra eléctrica (Estados Unidos da América) - Cordofone
Guembri (Marrocos) - Cordofone
05. Teclado (Universal) - Electrofone
06. Monotribe (Universal) - Electrofone
07. Cajon (Espanha/Peru) - Idiofone



08. Balafon (Burkina Faso) - Membranofone
09. Santoor Persa (Irão) - Cordofone
10. Triângulo (Brasil) - Idiofone
11. Sinos e Taça Tibetana (Tibete) - Idiofones
12. Qraqeb (Marrocos) - Idiofones
13. Ocarina (Peru) - Aerofone
14. Güiro (Cuba) - Idiofone
15. Hulusi (China) - Aerofone



16. Kalimba (África) e Quissanje (Angola) - Idiofone
17. Calabash (Burkina Faso) - Idiofone
18. Adufe (Portugal) - Membranofone
Frame Drum (Médio Oriente) - Membranofone
19. Congas (Cuba) - Membranofone
20. Pandeiro (Brasil) - Membranofone
Tamborim (Brasil) - Membranofone
21. Udu (Nigéria) - Idiofone
22. Thianhous (Burkina Faso) - Cordofone



23. Shakers (Universal) - Idiofone
Caxixi (Brasil) - Idiofone
Cas cas (África) - Idiofone
24. Clava (Cuba) - Idiofone
25. Fula (Mali) - Aerofone
26. Sementes (Universal) - Idiofone
Bawu (China) - Aerofone
Bansuri (India) - Aerofone
Pife (Brasil) - Aerofone
Kaval (Sérvia) - Aerofone
Whistle (Irlanda) - Aerofone
27. Trompete e surdinas (Egipto) - Aerofone
28. Flauta transversal (Europa) - Aerofone
29. Vassouras de percussão (Universal)

PEQUENO GLOSSÁRIO DE PALAVRAS E IDEIAS:

Aglutinante - 1. Que ou tudo aquilo que aglutina. 2. Que liga entre si as partículas de um agregado.

Barro - Material terroso, plástico quando húmido, mas duro quando cozido. É composto principalmente por partículas finas de silicatos de alumínio hidratado e de outros minerais. É utilizado no fabrico de tijolos, azulejos e cerâmica.

Cola branca - Também conhecida por cola PVA, é particularmente útil para colagem de materiais porosos, para madeira, papel, cortiça, couro e tecido.

Fibras naturais - São fibras produzidas por processos geológicos, ou a partir dos corpos de plantas ou animais. De origem animal, surgem através dos pêlos, como a lã, ou das secreções, como a seda. Com origem nas plantas, pode ser através do caule, das folhas ou das flores.

Fibras Vegetais - Estruturas alongadas, de secção transversal arredondada, que podem ser classificadas, de acordo com a sua origem, em: fibras da semente, fibras do caule, fibras das folhas e fibras dos frutos.

Cerâmica - Arte e técnica da fabricação de objectos tendo a argila como matéria-prima.

Modelação - (ARTES PLÁSTICAS) Processo pelo qual o escultor executa a sua obra trabalhando directamente uma substância maleável (barro, cera, etc.)

Papier mache - Do francês papier-mâché, é uma técnica que consiste em pedaços de papel ou polpa, por vezes reforçados com têxteis e ligados com um adesivo, como cola, amido ou pasta de papel de parede. Paper mache significa literalmente "papel mastigado" ou "papel amassado".

Pigmentos Naturais - O pigmento e corante natural são substâncias químicas inócuas e atóxicas, extraídas de animais, insetos, fungos, microalgas, frutas, vegetais, legumes, árvores, folhas, cascas, pétalas das flores e das raízes.

Tecelagem - Arte milenar comum a várias culturas que consiste no entrelaçamento ortogonal de fios de dois tipos diferentes: a urdidura ou teia (que consiste na estrutura do tecido), e a trama (que define a superfície do tecido, e onde se trabalham os desenhos, padrões, cores e texturas). O principal e indispensável equipamento da tecedeira e do tecelão é o tear.

Sugestões OSSO, agora disponíveis na nossa Biblioteca:

“The Art and Science of Natural Dyes: Principles, Experiments, and Results” de Joy Boutrup e Catharine Ellis, 2019 Schiffer Craft

“A Weaver’s Garden: Growing Plants for Natural Dyes and Fibers” de Rita Buchanan, 2023 Dover Publications, Inc.

“Make ink: A Forager’s Guide to Natural Inkmaking” de Jason Logan (autor) e Michael Ondaatje (prefácio), 2018 Abrams Books

“Spinning, dyeing & weaving - Essential Guide for Beginners” de Penny Walsh, 2016 Imm LifestyleBooks

“Drawings from Angola: Living Mathematics” de Paulus Gerdes, 2007 Lulu.com

Aerofones - Família de instrumentos musicais que produzem som usando o ar como fonte principal de vibração (flauta, gaita de foles, concertina, etc.).

Cordofones - Família de instrumentos musicais cujo som é produzido pela vibração de uma ou mais cordas esticadas entre dois pontos fixos (violino, guitarra, harpa, etc.)

Electrofone - Família de instrumentos musicais cujo som é gerado electronicamente (sintetizador, órgão eléctrico e outros).

Harmonia - Na área da Teoria Musical, descreve e normatiza as relações de construção e encadeamento dos acordes dentro do sistema tonal.

Idiofones - Família de instrumentos musicais cujo som é gerado principalmente pela vibração do próprio corpo do instrumento, sem a utilização do auxílio de cordas, membranas ou eletricidade (castanholas, maracas, xilofone e outros)

Membranofones - Família de instrumentos que produz som através da vibração ou ressoar de uma membrana distendida. Essa vibração pode ser produzida através do uso das mãos ou de baquetas no caso de tambores, ou mesmo da própria voz no caso do kazoo.

Música modal - Estilo musical que se baseia no uso de modos em vez de escalas tonais tradicionais. Estes modos são frequentemente utilizados como estruturas harmónicas e melódicas principais. Em vez de seguir uma progressão de acordes típica da tonalidade maior ou menor, a música modal muitas vezes emprega acordes que se originam dos modos específicos utilizados. Isso pode resultar numa sonoridade mais aberta e menos centrada numa tonalidade específica. A música modal tem uma longa história e é associada a muitas tradições musicais ao redor do mundo.

Organologia - Disciplina que trata da descrição e classificação de qualquer tipo de instrumento musical. Abrange o estudo da história dos instrumentos, do seu uso em diferentes culturas, os aspectos técnicos da produção do som pelos instrumentos e a classificação dos instrumentos musicais.

Música do mundo - Refere-se à música tradicional ou música folclórica de uma cultura criada e tocada por músicos relacionados a essa cultura. Este género musical é influenciado por diversos factores culturais, como a história, a religião, as tradições e os costumes de cada região. Essas influências podem ser observadas nos instrumentos utilizados, nas letras das músicas, nos ritmos e nas melodias.

“Global Music Cultures: An Introduction to World Music” de Bonnie C. Wade e Patricia Shehan Campbell, 2020 Oxford University Press

“Instrumentos musicais de Moçambique” de Margot Dias, 1986 Instituto de Investigação Científica Tropical: Museu de Etnologia

“Lamelofones do Museu Nacional de Etnologia” de Gerhard Kubik, 2002. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, 2002

“async” de Ryuichi Sakamoto, 2017 Commmons; Milan Records



Hugo Brito
A RULOTE

Neste ano de 2024 os jantares nos Dias Abertos vão ter um novo formato. Vamos passar a ter um pequeno bar móvel, uma rulote, com refeições leves, comida mais festiva, mas sempre mantendo o carácter local e sazonal a que o Chef Hugo Brito nos tem habituado.

rulote (ru-lo-te)
nome feminino
1. [Portugal] Reboque que se atrela a veículos automóveis, dotado de equipamento e de espaço próprios para alojamento. (Equivalente no português do Brasil: trailer.) = CARAVANA
2. [Portugal] Atrelado equipado para a confecção ou venda de alimentos e bebidas (ex.: rulote de bifanas).
in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024

Uma rulote de comida é uma coisa muito particular. Não é um restaurante, onde se vai com propósito e planeamento, mas também não é uma bomba de gasolina ou uma loja de conveniência, onde se para a apanhar o que houver, que é comido no carro, só para tapar um buraco no estômago, nem é a cantina da empresa ou o restaurante ali na esquina, onde se vai resignado, porque é preciso almoçar e não temos muito tempo. A rulote aparece quase sempre em par, associada a outra coisa, a um festival de música, a uma festa popular, à discoteca no lado oposto da estrada, ao jogo para o campeonato. Se saímos de casa é por causa destes, mas a rulote consegue insinuar-se na experiência desses eventos, ao ponto de esta nos parecer incompleta se falhar a bifana,

o cachorro a desoras, a imperial em copo de plástico. Não decidimos exactamente ir á rulote, fomos ao concerto, mas depois deu-nos a traça e acabámos com um cachorrão nas mãos. Vai-se a um restaurante com um amigo, em casal, com os colegas de faculdade ou com a família toda quando a avó faz anos, e a experiência que temos é uma experiência interna nestes grupos, específica a cada um deles, e cada mesa de um restaurante é uma pequena comunidade, autossuficiente e blindada à comunidade na mesa já ao lado. Uma rulote cria uma comunidade alargada, mesmo se momentânea, onde quer que estacione. Metemos conversa com o vizinho, pedimos que nos passem o picante, trocamos um sorriso mal disfarçado quando alguém agita demasiado o ketchup e enche a camisa de nódoas, comentamos o desempenho da nossa equipa no jogo, a actuação do DJ ou do cantor contratado pela comissão de festas, queixamo-nos da dificuldade que tivemos em encontrar lugar para estacionar. Depois vamos à nossa vida, voltamos à multidão do Santo António, ao concerto que já começou no palco 2, ou metemo-nos no carro a caminho de casa e do sono. Por uns momentos fizemos parte dessa comunidade vaga, da malta que foi à rulote, onde género, escalão do IRS, país de origem ou filiação ideológica nunca serão obstáculo a ter uma cerveja gelada na mão. Há muito em comum entre a rulote e os jantares que temos servido nestes dias abertos, guiados pelo propósito último de mostrar o trabalho que fazemos, mas também de criar uma comunidade, ainda que temporária, ao seu redor. E também queremos fazer destes dias uma festa, e Rulotes são sempre sinónimo de festa.

Observações em torno de um ciclo de jantares comunitários.

RECEITUÁRIO

HOLOFOTE

OS LAVADOUROS

Entre dois montes
Nasce uma fonte morta,
E da hera
Pinga água gota a gota.

A uns passos apenas,
À sombra do amieiro,
Persiste, antigo, um tanque,
Onde as mulheres lavavam.

Está fendido o seu muro,
Tombado o seu tronco.
Mas a calma da água
Faz dele um espelho de sonho.

Na luz da tarde,
Sob o ar das manhãs,
O tanque, taça sagrada,
Serve o céu e a terra.

Persiste nele a memória
Dos que se foram,
E a risada e a tagarelice
Das mulheres que lá lavaram.

Mas, agora, só o silêncio
E o murmúrio do vento,
Por entre a hera,
No morto chafariz.

No tanque, fundem-se
A vida e a morte,
E a água, como o tempo,
Corre ininterrupta.

Mesmo que o tanque ruja
E as memórias desvançam,
O espírito do lugar
Há-de permanecer eterno.

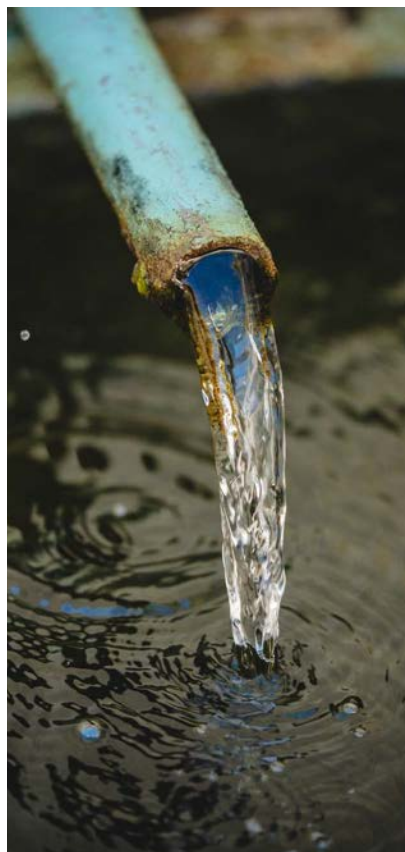
Miguel Torga
"O Tanque", *Diário XVI*.
Coimbra (1993).

Os antigos tanques de lavar roupa desempenharam um papel significativo na história das comunidades, especialmente antes da disponibilidade generalizada de máquinas de lavar: lavar roupa era uma tarefa árdua e demorada que era realizada manualmente, e era uma actividade maioritariamente realizada por mulheres.

Além da sua função prática, os tanques de lavar também desempenhavam um papel crucial como centros sociais e comunitários. Eram pontos de encontro para as mulheres da comunidade enquanto realizavam as suas tarefas domésticas, oferecendo um espaço onde podiam partilhar conversas, notícias e experiências. Mais do que simples locais de trabalho, eram também lugares de troca de informações e cultura. As mulheres partilhavam conhecimentos sobre técnicas de lavagem, receitas de sabão caseiro e outras práticas domésticas, contribuindo para a preservação e transmissão da cultura e tradições da comunidade. Além disso, esses espaços podem ter tido um impacto significativo na emancipação feminina.

Apesar de ser muitas vezes árduo e pouco valorizado, o trabalho nos tanques de lavar roupa proporcionava às mulheres uma oportunidade de interacção social fora de casa. Esses espaços podem ter contribuído para a construção de redes de apoio entre as mulheres e para o desenvolvimento de sua autoconfiança e autonomia, criando uma sensação de coesão e solidariedade dentro da comunidade.

Hoje em dia, muitos desses tanques de lavar roupa históricos foram substituídos por máquinas de lavar modernas, e estas tarefas domésticas já não estão determinadas pelo género, mas eles ainda são lembrados como parte importante da história das comunidades, especialmente em áreas onde a tradição ainda é preservada. Esses antigos tanques de lavar roupa representam não apenas uma ferramenta para o trabalho doméstico, mas também um símbolo da força da comunidade e da resiliência das mulheres que os utilizavam.



(Arundo donax) CANA

A Arundo donax, conhecida comumente como "cana-do-reino" ou "cana-brava", é uma planta perene da família Poaceae, que cresce em áreas húmidas e pantanosas. Originária da região do Mediterrâneo, é nativa no sul no Europa, norte de África e oeste da Ásia. Em relação a Portugal, a Arundo donax pode ser encontrada em algumas regiões do país, especialmente em áreas húmidas, ao longo de rios, margens de lagoas e zonas costeiras.

A cana tem várias utilidades, historicamente, tem sido utilizada para fabricação de papel, cestos, esteiras, móveis, instrumentos musicais e até mesmo como material de construção. Além disso, pode ser usada para fins ornamentais em jardins e paisagens. Mais recentemente, tem sido exploradas as suas potencialidades como fonte de biomassa para produção de energia, através de processos de queima ou conversão em biogás.

Porque é considerada invasora?

A Arundo donax é considerada uma espécie invasora devido à sua capacidade de crescer e se reproduzir rapidamente, formando densas

populações que podem suprimir a vegetação nativa e alterar os ecossistemas onde se estabelece. Algumas das características que contribuem para seu comportamento invasor incluem: rápido crescimento; alta capacidade de reprodução; tolerância a condições adversas; falta de predadores naturais.

Devido a esses factores, a Arundo donax pode tornar-se dominante em habitats húmidos e ribeirinhos, deslocando espécies nativas e causando danos aos ecossistemas locais. Por essa razão, é considerada uma espécie invasora em muitas partes do mundo, incluindo Portugal e outros países onde não é nativa.

Fabrico de papel

A fibra da cana é resistente e flexível, tornando-a adequada para a produção de papel de boa qualidade. O processo de fabricação de papel a partir da Arundo donax envolve várias etapas, incluindo o corte das folhas, a separação das fibras, o processamento e o refinamento para produzir polpa de papel utilizável. Essa polpa pode então ser usada na fabricação de diversos tipos de papel.



